

Gente que vem

Na faculdade, pode sentar bem ao seu lado um mineiro, um pernambucano ou um paulista. Mas também podem ser seus colegas de carteira italianos, espanhóis, argentinos. A vinda de intercambistas estrangeiros para as universidades catarinenses é tão frequente que o número de estudantes que chegam à Universidade Federal (UFSC) é maior do que dos estudantes que saem. O respeito pelo ensino brasileiro, aliado ao destaque da economia brasileira

internacionalmente, à boa fama do país em receber quem é de fora e às próprias belezas naturais do Estado são alguns dos motivos que, segundo o secretário de Relações Internacionais da UFSC, Luiz Carlos Pinheiro, fazem com que a UFSC receba uma média de 200 universitários, enquanto vê sair cerca de 150 estudantes, por semestre, e esses números devem aumentar. De acordo com Pinheiro, os principais "exportadores de estudantes" para a instituição são países

da Europa. As parcerias com as instituições europeias permitem que os estudantes sejam matriculados como alunos regulares, com acesso à biblioteca, matrícula sem custo e o preço mais popular no Restaurante Universitário. Apesar das facilidades esses estudantes que chegam têm que driblar dificuldades na língua, as notas na faculdade e, como todo típico intercambista, entender as diferenças culturais. Mas eles garantem: SC é linda, em todos os sotaques.



Italiano, manezinho e português

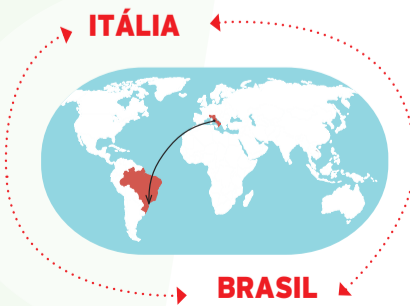
Apesar de ser da cidade de Romeu e Julieta, Gianluca Rebonato, 26 anos, parece se comportar na temporária estada em Florianópolis. Mesmo assim, o fato das "mulheres bonitas estarem todas juntas" aqui causou estranhamento. O italiano de Verona teve que se adaptar até ao sistema universitário brasileiro, que exige uma frequência mínima às aulas. Outra dificuldade, assim que pisou em solo catarinense, em fevereiro, foi encontrar um lugar para morar sem conhecer ninguém. Foi a superação desses obstáculos durante a viagem que ajudou para que ele amadurecesse.

E o estudante aprendeu tanto que, poucos dias antes de sua volta para casa, Gianluca conseguiu levar um estilo de vida tipicamente manezinho. Morador de uma república na Lagoa da Conceição, ele participou de festas e churrascos, fez trilhas e elencou a Praia de Naufragados como a preferida. Os verbos em português ele também aprendeu a conjugar muito bem. O tom em cada frase denuncia quem foram os professores do idioma: os colegas portugueses.

– Aqui se fala muito português diferente. Um colega do Nordeste chega falando de um jeito, outro chega falando diferente. Quem mais me ajudou foi o pessoal de Portugal, que fala o português de um jeito só – conta.

O universitário de Relações Internacionais veio para o Brasil por influência da mãe, baiana de Salvador. E aprovou tudo.

– Aqui é muito tranquilo e a universidade é boa. É perfeita para estudante! – constata.



Estada prorrogada

Bruno Foch, 24 anos, sempre foi apaixonado pela cultura brasileira. Nos seis meses de intercâmbio no Brasil, a paixão aumentou ainda mais. Só não foi suficiente para que o argentino da província de Buenos Aires se curvasse ao futebol brasileiro. Nem Figueira e nem Avaí, ele continua sendo Boca Juniors, assim como quando chegou. Fora isso, até ao surfe nas praias do Leste da Ilha e às festinhas de faculdade ele se rendeu.

As primeiras semanas na Capital não foram fáceis. O intensivo de um mês de português, feito ainda na Argentina, não foi suficiente para encorajá-lo a falar na sala de Psicologia, com mais de 20 pessoas.

A viagem de intercâmbio não foi a primeira para Florianópolis. Bruno já passou férias em Canasvieiras, há quatro anos. Agora, tendo percorrido as principais praias e conversado com gente daqui, ele pode dizer que, de fato, conhece a cidade.

Nesta primeira vez em que passa tanto tempo sozinho e longe de casa, ele sentiu o gosto de conhecer gente de várias partes do mundo.

– Somos todos latinos, vamos nos compreendendo – ressalta.

Quando tropeça nas conjunções, ele conta com o apoio dos gestos. Voltar para a Universidade de Buenos Aires agora, para ele, seria interromper esse processo em que deixa de ser turista e passa a conhecedor do modo de vida brasileiro. Por isso, Bruno prorroga o intercâmbio por mais um semestre. O estudante, que até aqui recebia uma bolsa de estudos, nos próximos meses terá que contar com as próprias economias. Mas ele acredita que até isso vai contar na sua formação.



Rosane Viotti já está experiente

A madrinha dos intercambistas

No histórico, um intercâmbio universitário em Montreal, no Canadá, e um *work experience* nos EUA, programa voltado para se trabalhar e aprender o idioma. De volta ao Brasil, hoje, a estudante de Educação Física da UFSC Rosane Viotti, 25 anos, tornou-se "madrinha" de intercambistas. Ela já morou com alemão, norte-americano e, por enquanto, mora com o italiano Gianluca. Sempre que pode, também orienta os mais perdidos, mostrando a localização do aeroporto ou do mercado mais próximo. As recomendações básicas aos gringos envolvem visita à Guarda do Embaú, trilha na Lagoinha do Leste e comer ostra no Sul da Ilha. O objetivo é estimulá-los a conhecer a Ilha e o Estado. ■



Diário da Redação

ROBERTA ÁVILA - repórter
roberta.avila@diario.com.br

Fazer intercâmbio é plantar saudade para o resto da vida. Ficam na memória os amigos de vários lugares do mundo, as viagens feitas apenas com uma mochila nas costas, para realizar o sonho de conhecer Paris, ou para se descobrir um lugar totalmente novo e, por isso mesmo, encantador, como Poitiers. Nunca mais o paladar é o mesmo. Nunca mais se é uma pessoa inteira, que tem todos os amigos por perto, que tem tudo perto de casa. Mas isso só deixa claro que tudo que é vivido nesse período vale muito mais do que o investimento que se faz no intercâmbio. É a oportunidade de aprender uma língua em meses e de criar um diferencial no seu currículo que simboliza toda a cultura aprendida durante a viagem. Ao voltar para casa, ser brasileiro ganha um novo significado. Eu recomendo!



> Confira outras notícias em www.diario.com.br/vestibula



CLÁUDIA SILVEIRA é formada em Letras Português-Francês, tem mestrado em Literatura Brasileira pela UFSC e é doutora em Teoria Literária. É professora nos cursos de graduação e diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC), autora da obra *Estudos de Textos Para Vestibulares* e do projeto Aulão da Solidariedade

Página por página

A professora Cláudia Silveira apresenta os livros que serão cobrados no vestibular da UFSC em 2012. Durante o ano, ela vai falar sobre cada um.



Memórias Sentimentais de João Miramar

Autor: Oswald de Andrade
Ano de publicação: 1924
Escola literária: modernismo – 1ª geração
Narração: 1ª pessoa (narrador-personagem)

Gênero: romance
Local onde se passa a narrativa: São Paulo
Temas: sátira à burguesia paulista (casamento por interesse, futilidade)

RESUMO DA OBRA

João Miramar retrata os principais momentos de sua vida: a infância de muitos estudos, a viagem à Europa e o retorno ao Brasil com a notícia que sua mãe havia falecido. O casamento com Célia, os acontecimentos que envolvem sua família durante a Primeira Guerra Mundial, o nascimento de sua filha, o caso romântico com Rolah (amante), que viria a acabar com o seu casamento. No final ele vai à falência, sua amante o abandona, Célia morre e Miramar recupera a fortuna quando fica com a guarda da filha.

O AUTOR

Oswald de Andrade (1890-1953) nasceu em São Paulo, filho de família rica, fazendeiros que plantavam café, foi poeta, romancista, ensaísta e teatrólogo. Formado em Direito, foi um playboy rebelde: era rico, festeiro e mulherengo (casou-se cinco vezes, duas delas com mulheres famosas: Tarsila do Amaral e Patrícia Galvão, a "Pagu"). Atuou diretamente na Semana de Arte Moderna, criou os manifestos *Pau-Brasil* e *Antropofágico*, além da revista literária semanal *O Pirralho*. Em 1929, foi à falência, após muitas viagens à Europa e esbanjamentos sociais. Militante esquerdista, passou a divulgar o comunismo junto com Pagu em 1931, mas desligou-se do partido em 1945.

A OBRA E AS CARACTERÍSTICAS DO MODERNISMO

- Ruptura com o passado para levá-lo de volta às origens primitivas; ataques, geralmente satíricos, aos textos consagrados da nossa literatura.
- O livro se relaciona com o modernismo, pois chama a atenção pela linguagem e montagem inédita, capítulos curtos com humor e ironia

CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DA OBRA

1. Texto composto sob influência da guerra.
2. Marcado pelas vanguardas europeias.
3. Estilo telegráfico.
4. Prosa cinematográfica.
5. Texto composto sob influência futurista/cubista/dadaísta.
6. Poema síntese do flash fotográfico.
7. Ruptura com as regras da gramática.

TEMPO E ESPAÇO

Transcorre em São Paulo, entre os anos de 1912 e 1918. Considerada uma obra "caótica", fica difícil analisar a categoria tempo na narrativa, mas ela parece seguir uma ordem cronológica.

PERSONAGENS

João Miramar – Pertence à burguesia paulistana, dos plantadores de café. Casa-se com Célia e possui uma amante.
Célia – Prima e esposa de Miramar. É rica.
Celiazinha – Filha de Miramar e Célia.
Madame Rolah – Atriz de cinema. Mulher pela qual Miramar se apaixona e se torna amante. Após a falência, Rolah o abandona.
Tia Gabriela – Mãe de Célia, Pantico, Nair e Nice e tia de Miramar.
Pantico, Nair e Nice – Primos de Miramar.
Machado Penumbra – Homem das letras, intelectual.
José Chelini – Amigo de Miramar. Dizendo-se conde, casa-se com tia Gabriela para aplicar-lhe golpes.
Britinho – Amigo de Miramar que morre em uma emboscada.
Dr. Pôncio Pilatos da Glória – Médico da família.

ESTRUTURA

Memórias sentimentais de João Miramar é composto de 163 episódios enumerados e intitulados.

LINGUAGEM

Nas palavras de Machado Penumbra: linguagem telegráfica, técnicas de composição cubista, invenção verbal constroem um texto que é o quadro vivo de nossa máquina social.